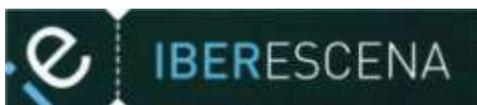


**INS  
EN  
SAT  
EZ** Maíra  
Lour

*insansatez*

Dramaturgia concebida em residência artística Brasil/Argentina para o *Projeto Insansatez – o poema como corpo exposto*, através do PROGRAMA IBERESCENA - AYUDA A LA CREACIÓN DRAMATÚRGICA Y COREOGRÁFICA EN RESIDENCIA 2016/17.



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



insansatez



insansatez

Este texto-pesquisa-dança-poesia se fez inspirado e movido pela minha experiência com as palavras das poetas Ana Cristina César e Alejandra Pizarnik.

Elas me levaram por caminhos de mim mesma, por lugares desconhecidos e, de maneira sutil e sorrateira, me conduziram às palavras de outras tantas mulheres poetas.

A residência artística em dramaturgia na ciudad de Buenos Aires em maio de 2017 fez possível o encontro com artistas argentinos e brasileiros, borrou fronteiras e ampliou os horizontes deste projeto.

Agradeço pela experiência *fuerte y relinda* com as atrizes Ailen Scandurra, Azul Masseilot, Rocio Belén, Lucia Amico e as poetas Cecilia Perna, Patricia González López, Gabriela Borelli Azara e, especialmente, Flavia Calise.

Agradeço pelo acolhimento da artista e produtora do Espacio Fábrica Perú, Catalina Lescano e também pelo compartilhamento artístico com o diretor da companhia El Cuarto, Nahuel Cano.

# insansatez

Isso é uma rubrica de uma ideia de peça de teatro

Uma mulher ou três mulheres.

Um dramaturgia-movimento-encenação-poesia pensada para atrizes para as quais corpo, dança e palavra abriguem um sentido e uma investigação importantes.

Elas podem estar vestidas mais ou menos assim. Uma: calça jeans *semibeg* anos 80, regata sem sutiã, tênis, óculos, cabelos longos e irregular. Outra: camiseta cortada curta, calça cintura alta, sandália, cabelos curtos. E outra: camisa e calça masculina, sapatos. Essa é a maneira como me aproximo delas.

De olhos fechados tentando vislumbrar imagens é assim que as imagino hoje.

Três mulheres que coexistem tempos e lugares. Que co-habitam este espaço inventado. Elas se sobrepõe, elas estão lado a lado, elas se afastam e se aproximam. São universos que se tocam. Dançam tentando descobrir um corpo-poesia. Tratam a palavra como algo que ao ser dita materializa um corpo.

Palavra como pedra, frases como uma melodia rasgada.

Esse texto se fez sobre mulher, sobre morte, sobre suicídio feminino. Sobre corpo. Certamente sobre corpo-palavra. Fazendo do poema seu próprio corpo. Matando um corpo e deixando outro viver.

Permanecendo palavra-poesia.

As regras formais da gramática dizem que não se pode começar frases com pronome oblíquo. Neste texto optei livremente por seguir as *não-regras* da oralidade neste e em outros casos. Seguindo uma lógica pessoal de escrita como extensão do meu corpo e poesia como lugar de expansão da língua.

Esta escrita pretende se manter, por um tempo, em processo, aberta, em trânsito para novas descobertas. Deixo lacunas que podem ser preenchidas por aquele/aquela que lê.

Há imagens que revelo como uma foto e outras tantas que todavia não se fizeram texto.

Esse ensaio dramaturgico pede um encontro sutil e potente entre corpo e palavra.

# insansatez

Isso é uma rubrica de cenário

No palco há uma grande janela, vidro de cima embaixo, indo de um lado ao outro da cena, como essas grandes janelas destes apartamentos antigos, que deixam passar a luz mais interessante do dia.

A janela divide o palco ao meio. Ou seja há profundidade atrás da janela, e através do vidro podemos ver plantas e folhagens suspensas. Em algum momento desta dramaturgia haverá um balanço suspenso atrás do vidro, neste início ele não está lá, ou apenas não está visível.

Na frente da janela um cômodo, uma sala, nenhum móvel que a defina com detalhes, talvez uma poltrona ou uma cadeira somente. E livros e papéis, uma montanha deles.



imagem que me inspira

insansatez

Isso é uma rubrica de luz

Sombra e luz ressaltando contornos, criando oposições, paradoxos.

Uma atmosfera surrealista, o reflexo do vidro, o verde das folhagens, o branco dos papéis.

Movimentos que sugerem sobreposição de tempo-espaço. Possibilidades de corpos e lugares que partilhem claro e escuro. Investigação de luz que cria profundidade e superficialidade.

Como um mergulho em águas turvas em contraste com pupilas dilatadas em super exposição.

Inverno latino-europeu e verão sub-tropical.



magritte

*“Sem nada de extraordinário ou de fantástico em sua composição, Magritte apenas com uma paradoxal combinação de noite e dia, perturba uma das mais organizadas e fundamentais premissas da vida. A luz do sol, normalmente a fonte da claridade, aqui cria certa inquietude associada à escuridão. Torna a escuridão mais impenetrável.” (crítica de arte Lucy Flint sobre O império das Luzes de Magritte)*

*“el sol como un gran animal oscuro” (Pizarnik)*

insansatez

Isso é uma rubrica de som

Micro-distorções da voz são interessantes.

Uma busca por um som que mescle orgânico e industrial.

Ruídos e sons cotidianos, vozes.

Talvez alguma canção que pareça se encaixar, em volume baixo, como um susurro.

Música minimalista que proponha permanência, continuidade, impulso.

O som pode mover e pode pausar os corpos.

Deve ser concebido a partir da relação entre as atrizes, da dança particular dos corpos, das frequências, texturas, intensidades e ritmos propostos pelo texto.

insansatez

Isso é uma rubrica de movimento



*AC encontra AP*

*insansatez*

As três mulheres estão atrás do vidro entre as plantas. Numa cena underground-tropical-melancólica.  
Suas vozes são captadas por microfones e passam por algum tipo de alteração sonora.

- São três mulheres. Eu mesma e elas duas. Elas mesmas e eu. Numa sobreposição de tempos escuros.  
Tombo, ataduras, rasgos, navalha, risos ácidos e o som da velha máquina.

Put some music to play. Eu estou do outro lado do vazio.

Do outro lado do vidro. Tão bem limpo por alguém tão dedicada com seu paninho e seu tubo de vidrex-álcool-limpa-vidros. Como alguém pode se debruçar aqui para limpar esse vidro enorme, essa bruta janela à beira mar? Lá embaixo a calçada vertiginosa de petit pavê e ondas.

Daqui do meio da sala, de longe a observo, ela que nem sei, que se pendura, braço à fora, meio sentada, meia bunda na beirada, o pano o balde e o radinho tocando e não sei, não parece haver nenhum perigo ali, não aparece a queda.

Mas mesmo assim num ímpeto eu sinalizo: cuidado!

¡Cuídate!

Prends soin de toi, fais attention à toi.

Take care.

Ojo! ¡Cuídate!

Vai cair.

Watch out!

Attention, tu vas tomber.

Mulher ¡Cuídate! Prends soin de toi, fais attention à toi.

Take care. Ojo! ¡Cuídate! Vai cair. Watch out! Mujer. Attention, tu vas tomber.

Tombo.

Salto.

*insansatez*

**Queda.**

**Livre.**

**Take it easy. Não precisa se assustar eu faço isso desde sempre. Nem tenho medo. Consigo até olhar para baixo. E ficou bom, ficou ótimo, já podemos ver o céu e as árvores não é mesmo? Tem um segredinho que é finalizar com papel jornal, fazendo aquele barulhinho estridente que ressoa limpo, tinindo, transparente. Letras da manchete, da notícia do salto, da nota de falecimento que desmancha no vidro. Letra por letra desenhando poemas tortos no vidro da grande janela à beira mar.**

**Alguém canta uma canção. Alguém sustenta um grito.**

**De vez em quando eu colo meu rosto no vidro, eu baforrejo o embaçado encontro do ar quente do meu corpo vivo com a frieza sem cor emoldurada e afixada com massa corrida em quadros metálicos.**

**De vez em quando eu apoio a testa no vidro. Até marcar um redondo vermelho no meio da cara.**

**De vez em quando eu salto do 7º andar.**

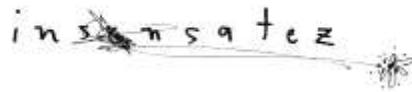
**De vez em quando eu pego uma marreta pesada e miro bem no meio do vidro bem no meio e pego impulso para trás num jeito desajeitado e raivoso e pow bem no meio, estilhaçando em mil partes de vidro, em mil caquinhos pontiagudos.**

**De vez em quando eu pego uma marreta pesada e miro bem no meio do vidro bem no meio e com força pow bem no meio, estilhaçando em mil partes de vidro, em mil caquinhos pontiagudos de mim.**

**De vez em quando eu pego uma marreta pesada e miro bem no meio do vidro bem no meio desta bruta janela à beira mar, bem no meio e pow! Estilhaçando em mil partes pontiagudas de mim, em milhares de caquinhos, em incontáveis pedaços de algo que me escapa.**

**E no meio um rombo, bem no meio, no meio do peito da janela um buraco.**

**Put some music to play. Eu estou do outro lado do vazio.**



As três mulheres escutam uma música curta a princípio imóveis. Um estrobo recorta pequenos gestos, a luz vai piscando mais lentamente, intercalando black outs e flashes de luz. Aos poucos a imagem vai se desfazendo. E já não há mais ninguém atrás da janela. Só as plantas que se movem.

**18h43 Vou me atrasar um pouco**

**18h44 Aconteceu algum problema com o metrô**

**18h44 Linha D**

**18h45 Parece que foi um acidente**

**18h52 Já faz mais de meia hora e tá tudo parado, tá cada vez mais cheio aqui**

**18h53 As pessoas tão falando em um acidente nos trilhos, não estou entendendo direito**

**18h55 Tá muito abafado, esse metrô é sempre muito quente**

**18h58 Um corpo**

**Parece que uma mulher saltou nos trilhos da linha D**

**Se jogou, é isso.**

**Será que você não consegue mais informações?**

**O sinal tá ruim por aqui**

**22 anos**

**Estudante**

**Parece que teve uma briga familiar e saiu muito nervosa**

**Parece que nunca havia pensado sobre isso antes**

**Parece que o corpo tinha pensado por ele mesmo**

**Parece que resolveu caminhar uma sequência infinita de quadras com uma respiração única, retendo o ar, sobrevivendo com pouco, com muito pouco de vida dentro de si. Parece que não tinha estratégia, não tinha plano, correu na cabeça tantas formas**

insansatez

Parece que cogitou

gás dentro do carro cozinha forno cabeça teto barbitúricos chuveiro faca choque corte na linha tiro comprimidos plástico cianureto água veias monóxido de carbono pedras nos bolsos seconal corda mas para ela nada tão prático, nada tão rápido, tão metálico, tão multidão, tão abafado e seco.

Nada como correr e saltar!

Ela já está correndo há um tempo.



Outra

# insansatez

As três mulheres estão em cena mas não se encontram.

Movimento que alterna velocidades. Gestos.

Intercalam distâncias e proximidades sem se relacionar diretamente ou se tocar.

Alguém toma uma bebida.

Alguém apressadamente arruma coisas em uma bolsa, papéis.

Alguém deita olhando pra cima.

Alguém baforeja o vidro.

Alguém para como num close de cinema, bem próximo de quem vê.

...

...

...

...

Os movimentos podem borrar e adquirir uma qualidade inacabada.

Algo que não se finaliza. Que é interrompido.

Elas em algum momento se olham.

Esta é uma ação importante que modifica o espaço.

Trata-se de uma observação municiosa dos gestos alheios.

Cria um outro tempo.

insansatez

É uma emergência.

Há fogo.

Teus pelos encostando nos meus.

Labaredas enormes.

Intenso lábio pousado no meu ombro.

Troco de sapatos com você.

Estalo os dedos te dizendo vai.

Post cards brilhantes.

Um barco, uma boneca, uma colherinha, um livro.

Meias brancas.

Medo. Um pouco de medo.

Nuvens esparças, sinal de chuva.

Estrondo.

Tua mão tem manchas de caneta.

Turbulência.

Entre margens.

Entardece.

Esses teus joguinhos bobos me entediam.

Lambo um selo pra uma carta.

Há pressa.

Ouçõ as dez mais no rádio.

Faíscas.

Lâmina.

Desejo.

insansatez

Qual é teu nome?

Me conta sobre você.

Consigo ver pelo canto do olho que tem mais alguém aqui.

Suor.

Encandescente.

Tremor.

Isso te diz alguma coisa.

Tiro a calcinha.

Saiu uma foto tua no jornal.

Encara essa parada.

Há um lugar vago ao meu lado.

Escorre entre as pernas.

Levo comigo uma peça de roupa tua dentro da bolsa.

Passo comprar um maço de papel.

E um maço de cigarros.

Desbunde.

Intimidade forjada.

Você está blefando.

Aqui me falta um pedaço.

Nem tudo precisa ser dito.

Espaço em branco.

Lacuna.

Passional.

O que você tá querendo falar que não diz?

*insansatez*

**Estratégica.**

**Desenho uma curva.**

**Fujo.**

**Não me venha com esse papinho de elevador.**

**Incorrigível.**

**Agora que começou termina.**

**Ouçã essa música.**

**Você consegue compreender o que ela diz?**

**Há espanto.**

**Rabisco teus erros.**

**Traduzo na língua teu ácido comentário.**



**espelho**

*insensatez*

**05 de mayo – cidade autônoma de Buenos Aires**

**Suicidio en la estación Rosas. De forma imprevista ella se atira nos trilhos sob os olhares horrorizados daqueles que esperavam na plataforma.**

**Una joven de 22 años se arrojó al paso de subte de la línea D. Según testigos, la mujer se tiró en las vías cuando pasó el tren minutos después de las 6 de la tarde.**

**Los bomberos trabajaron para retirar el cuerpo de las vías. También se hicieron presentes ambulancia, policía y peritos forenses, quienes tratarán de establecer si ella se suicidó, si fue empujada o si se desplomó desde el andén en forma accidental.**

Movimento.

**Hay que ser hija de puta... a las 18 y 30 cuando aun mucha gente depende del servicio....**

**Hija de puta la que se suicido, hubiese podido hacerlo en la reserva forestal o en el rio de la plata, no tiene porque joder a la pobre gente que viene de trabajar y con sus propios problemas y estress y agregarle esto...**

**22 años, pobre, que la habrá pasado!**

**Sacarla de ahí!**

**Sacarla de ahí!**

**Sacarla de ahí!**

**Sacarla de ahí!**

**Get her out!**

**Tira ela daí!**

insansatez

**06 de maio**

**Me atrasei,**

**Ceguei tarde demais,**

**Desculpa, aconteceram imprevistos.**

**00h37 Tô no banho se chegar liga tranquei a porta**

**Som do chuveiro, som do corpo contra o vagão, som de gente falando outra língua, som da festa da casa ao lado, som das minhas víceras reviradas, som de uma gargalhada, som da velha máquina, som de garrafas quebrando, som de multidão e som de ninguém.**

Ela tira a roupa devagar com naturalidade e deita e se aconchega em uma montanha de papéis.

Encolhe o corpo, se coloca em posição fetal entre as folhas, páginas, pedaços rasgados, bilhetes, guardanapos escritos. Como se ali se fundisse com a matéria palavra, rabisco, letra por letra.

Como se ali encontrasse abrigo, lugar, corpo.

insansatez



insansatez

Put some music to play.

Estou do outro lado no vazio. Te encontro no vazio. Através do vidro. Te enxergo dentro de mim.

Alguém fuma um cigarro. Alguém dança.

Ela encerrada pelas paredes de um manicômio, já em pedaços.

Você fala do manicômio ou dela?

- Tant pis ça fait aucune différence

Tanto faz.

Seu cabelo bagunçado e gordurento cortado a golpes de tesoura cega. Franja curtíssima e torta.

- En vogue on dirait sa coupe de cheveux

Corte de menina que não cala palavras.

- Can't judge a book by its cover

Se há palavra hoje é porque bebo do desejo dela.

Ela rodando naquela sala enorme, já faltando pedaços.

Você fala da sala ou dela?

- It doesn't matter at all

Ela fumando um cigarro, esse olhar fim de tarde por do sol, anos setenta.

Essa cara já tão cinzenta, já tão borrada, numa picelada tosca.

Você fala dela?

Habla de ella? De quién hablas?

*insansatez*

De quem com quem pra quem você tá falando?

Quem é você pra falar dela?

Pra falar dela desse jeito, assim desse jeito?

O que você tá querendo dizer? Tá insinuando o quê?

Tá querendo dizer algo pra mim? Por mim?

Não tô querendo ninguém falando por mim? Tá entendendo?

Não tô querendo supor coisas sobre ela.

Mas assim...

me parece um calor, um vulcão transbordando bem devagar. Lentamente. Fim de tarde quente. Sem brisa. Nem vento. Nem chuva. Tudo parado. Acumulando calor. E nessa pausa tem o olhar dela, perfurante, estático, magnético. Ela veste uma regatinha, pele-braços de fora. Num tempo dilatadíssimo ela leva o cigarro até a boca e pausa. Foto.

É talvez isso que eu saiba sobre ela. Ou que possa saber.

E daí ela se desloca, no ar.

Quadro a quadro caindo.

Bem devagar ao contrário de todas as evidências.

Cabelos suspensos. No ar.

Olhos arregalados.

Uma respiração só. É pouco ar.

Braços desarticulando devagar, desgovernando, desdizendo gestos, desfazendo corpo.

E linhas curvas contornam os membros soltos e moles.

*insansatez*

E boca aberta, dentes duros, cílios vibrando, os ossos do peito indo com força em direção ao chão.

E sangue nas frestas das pedras encaixadas lado a lado.

E um pouco de areia.

E essa umidade tropical descombinando com o evento frio e trágico.

E multidão.

E suponho dela o quarto que ficou fechado com tudo dentro.

Uma colcha demodée de crochê salmão e a montanha de livros e papéis.

Suponho as roupas guardadas.

E suponho óculos escuros e bijuterias poucas e uns batons meio gastos.

E bilhetes escritos à mão num papel rasgado, guardanapo sujo no bolso de uma calça lee desbotada anos oitenta.

É esse rastro que sigo e te encontro desse jeito.

E é desse jeito que você fala dela?

Sim.

E quem sabe das inúmeras vezes que entrou na sala.

Das taças de vinho com borda suja de manteiga de cacau largadas na mesinha.

Das vezes de entrar e sair.

Cruzar o cômodo e ser observada pela janela. Lá fora, refletida.

Bolsa-carteiro de lado, uns cruzeiros pra cerveja, uma caneta estourada vazando tinta-corpo no fundo fazendo manchas redondas azul-bic no couro.

De vez em quando paro frente a minha imagem ali me duplicando.

Ali feita em transparência, quase etérea.

*insansatez*

**Vulto, fantasma, espectro, holograma**

**Sem corpo**

**Flutuando**

Uma mulher está nua em uma balança no fundo, atrás da janela. Ela impulsiona o movimento com os pés. E vai aos poucos aumentando a velocidade do balanço, ela voa. Os seus pés quase tocam o vidro.

Ela vai para frente e para trás. Seus cabelos voam. Brinca e arrisca. Respira. Se enche de ar.

Uma música toca em volume alto. O texto que segue se sobrepõe a esta imagem.

**03 de abril**

**Soñé una vez más que volaba**

**Pero esta vez entre las estrellas**

**Entre galaxias**

**Me asustaba el negro y la inmensidad**

**Me asustaba**

**Y saltaba**

**Iba y venía de la galaxia a la rama**

**De las hojas a la galaxia**

**Sueño desde las entrañas que vuelo**

**Corro corro corro, vuelo**

**Me sostengo en el aire**

**Lo controlo, me domina, me sostengo.**

**Caigo y observo.**

**Aprendí a caer en los sueños.**

insansatez

Vértigo natural por mi condición de ave.

Estranha vertigem em que me agarro para que nunca se acabe el infinito.

Aos poucos vai diminuindo o movimento, a velocidade vai caindo.

A imagem vai desaparecendo.



Ela

Te imagino velha.

Hoje.

Te imagino velha aqui. Como seria?

Indo ao mercado, respondendo tuas mensagens, lendo um livro da moda, tomando um drink ou um chá, passeando na orla, recebendo uns amigos, postando uma linha ou outra, repetindo casos, discutindo a novela. Perco esse tempo pensando nisso, perco.

28 de março, ela encheu os bolsos do casaco com pedras e entrou devagar no Ouse River.

Onde você estava no dia 29 de outubro de 1983? Perguntaria um investigador da polícia federal para uma possível testemunha. Qual a última vez que você a viu? Isso talvez num filme. Ela parecia entristecida, ela lhe pareceu assim diferente, disse alguma coisa? Tinha alguém que lhe queria mal? Dívidas? Amor não correspondido? Brilho nos olhos lhe faltava? Você tinha alguma intimidade com ela? E talvez isso nunca tenha acontecido. Encontramos isso no quarto dela, tem muitas coisas interessantes lá, vocês deviam dar uma olhada. Tinha mais alguém em casa no momento do ocorrido? Tem poças de água fazendo um rastro do banheiro até a sala. E essa janela aí? Fica sempre aberta? Impossível responder. Vamos bloquear a entrada e saída do edifício. Trata-se de uma mulher.

11 de fevereiro, ela deixou dois copos de leite no quarto dos filhos que dormiam, vedou as portas da casa com toalhas molhadas, foi até a cozinha, abriu o gás e repousou a cabeça no fundo do fogão.

Tem uma mulher que vive num abrigo na calle Humahuaca. É uma sala pequena, cheia de gente com uma televisão ligada num volume ensurdecador. Há duas janelas pequenas que dão para rua. Há grades nas janelas. Uma mulher lá de dentro tenta balabuciar alguma palavra. Indizível. Tem os dedos das mãos tortos, pouco cabelo, ri, ri alto, se assusta com seu próprio riso, seu olhar é nublado. Está sozinha. Ela força as grades e se exalta. Alguém vem acalmar, diz alguma coisa mas ela mantém os olhos fixos em mim. O barulho lá dentro é muito alto. Estou tão assustada quanto ela. É você? Eu penso, podia ser você.

04 de outubro, ela vestiu o casaco de peles de sua mãe, serviu algumas doses de vodca, entrou em sua garagem, sentou em seu carro, ligou a ignição e o rádio. Bum!

O que tinha nesse enfumaçado ambiente boêmio? O que tinha de romântico nesses rascunhos manchados, nessas fotos pb reveladas à mão, nessas malas feitas às pressas, nesse ímpeto?

Elas entre eles. Elas e eu.

Restava os poucos prazeres voláteis, observar os barcos à noite e o aroma seco do tabaco.

*insansatez*

25 de setembro, preparou um coquetel de barbitúricos, maquiou suas bonecas para a ocasião e escreveu num quadro negro: *No quiero ir más que hasta el fondo.*

Tem alguma coisa colada nos cabelos, tem algo encrustado na pele, grudado nos pelos pubianos, nos pelos embaixo dos braços, nas pernas, tem uma crosta de terra debaixo das unhas, uma placa amarelada nos dentes, tem urina, excremento, tem suor, tem restos de pele morta. Tem mal hálito, tem cera na cavidade dos ouvidos, corrimento, saliva grossa, tem humores, tem sangue, plasma e merda. Tem músculos, veias, nervos, órgãos, tem pulso, cartilagem, ossos, líquidos, tem carne, dobras, articulações, extremidades, vasos, tendões, tem dentro, envolta, fora. Tem que andar, respirar, mastigar, beber, comer, falar, gozar, foder, correr, estar, maltratar, pensar, ficar, responder, olhar, tocar, esconder, enrijecer, tremer. Olha, tá vivo. Tem alguma coisa mexendo ali.

Pausa. Não-movimento.

Quiet! Just be quiet. No te muevas si no necesita. Não mova. Permaneça assim estátua de cera, falsa, inodora. Que voz é essa que diz que eu não posso dançar. Hold it. Sem respirar. Só mais um minuto. Nada. Só a ponta dos dedos.

Est-ce que tu as déjà essayé de rester submerse pendant un long temps? Est-ce que tu as ouvert les yeux sous l'eau? Não te escuto apenas não te escuto.

*Movimento. Pausa. Impulso. Micro pausa. Não-movimento. Movimento lento. Suspensão. Choque.*

Te deixo esse bilhete aqui escondido. Dobrado em quatro ou mais partes. Forço os vincos do papel. Trata-se de um segredo. Com o passar do tempo a tinta se apaga. Deixo aqui. Dentro desse livro. Entre as páginas 70 e 71. A ponta da folha está dobrada. Deve ser um lembrete para voltar.

Beijo tua virilha. Beijo tua nuca. Beijo teu peito.

Não tem mais ninguém aqui.

Rápida como um tiro escreveu: *a morte é um triste osso, fraturado.*

*insansatez*



*insansatez*

18 de setembro às 03h58 daqui.

Reconheço teus argumentos, tua articulação, teu mecanismo de enredamento de ideias, teus caminhos que me enrolam, me atordoam.

Vocifera, discute, trava guerras de línguas, apunhala, envenena, estraga, martela.

Reconheço a lógica torta das tuas palavras, teus enjambres, teus copy cola.

Me agarrando as pernas pra não poder sair. E sem poder correr eu fico.

E desfaço socos no ar.

E debato tronco, braços e pernas.

Corro ali no lugar, desvio com destreza das tuas afirmações mas sou pega pelas costas.

Silêncio.

Calo.

Silêncio.

Só respiro e mordisco o lábio.

Lá no fundo escuto:

Tartamuda, muda, gaga, gagá

Tartamuda, muda, gaga, gagá

Tartamuda, muda, gaga, gagá

Tartamuda, muda, gaga, gagá

Estúpida

Tartatatatumuda, mumumuda, gagagagagagagagagagaga

Inadequada

Tartamuda, muda, gaga, gagá

*insansatez*

**Insana**

**Enigmática**

**Tartatatata mumumuda**

**Teimosa**

**Tartamuda**

**Muda**

**Bicho**

**Mulher**

**Buceta**

**Fumaça**

**Vodca**

**Fogueira**

**Tinta tóxica**

**Teu nome**

**Sangue**

**Reconheço essa mão sobre meu ombro, que finge me acalmar segurando.**

**Pra baixo.**

**No chão.**

**Knock out.**

**Lona.**

*insansatez*

Berro

Silêncio

Berro

Silêncio

Berro

Silêncio

Música movimento

Corpos

**Há uma mulher com um pano no rosto.**

**Ela aperta um objeto com força, seu punho é forte.**

**E seus dedos vão quebrando um a um. Vão se desfazendo, esfarelado.**

**Alguém alerta:**

**- Seus dedos estão quebrando!**

**- Você está fazendo muita força!**

**Ela abre a mão moída que se recompõe.**

**É como se nada tivesse passado.**

**A pedra tão dura está intacta.**

# insansatez

Água.

Elas se banham.

Entre as plantas escorre água, molhando o vidro e molhando o corpo dela.  
Na sala a água molha os papéis. Vasando por debaixo da janela invade o cômodo.

Alguém se protege sentada na poltrona. Só os pés tocam a água, a sola dos pés.

A roupa colada.

A nudez.

Os cabelos gotejando.



Eu

Estou em um jardim em ruínas, submersa. Bebo um café sem açúcar. Escuto o burburinho de gentes a minha volta, falando, falando, falando. Olho para o teto, concreto por cima de mim. Tomo uma vodka tônica. Espero uma mensagem. Outro. Me encaro num espelho sujo por horas. Me masturbo buscando nada. Completo uma linha. Pontuo. Faço pequenos círculos na água da banheira. Afogo-me. Estou em um lugar vermelho. Adormeço no teu colo. Trago um cigarro forte. Visto um casaco pesado e saio caminhando por ruas geladas. Me desfaço. Suspendo o que poderia te dizer agora. Danço uma ciranda solitária. Viro do avesso. Útero, víceras, grito. Interrompo um gesto. Arranco cabelos. Golpeio tua cara. Estou numa sala fechada. Você. Beijo a morte. Escrevo com os olhos fechados. Lavo cada membro do meu corpo. Não respiro. Te vejo de longe, te vejo de muito longe. Não te enxergo. Choro. Afogo-me. Danço freneticamente. Sorrio de doer a cara. Chuto a porta do elevador. Estou sentada numa calçada. Penso no que você vai dizer. Salto. Observo por horas as linhas da palma da minha mão. Tateio teu rosto no escuro. Quebro todos os dentes. Ela. Tão inteligente que já não sirvo para nada. Lambo o suor do teu ombro. Deito no azulejo rosado e fico ali. Estou em um cenário abandonado. Estou úmida. Descasco uma tinta verde-musgo da parede. Incendeio minha casa. Eu. Arranco meus olhos e os como. Me distancio. Deixo rastro para que me busquem. Me apavoro. Trago aqui uma bandeja de coisas esquecidas. Trago e te entrego estes objetos empoeirados. Carrego todos eles. Uma pilha de coisas sem uso. Equilíbrio, não deixo cair nada. Um sobre o outro. Coisas sem valor. Uma montanha delas. Tá tudo aqui. Escrevo até doer os dedos. Ele. Me estatelo. Ralo os joelhos no asfalto. Dou com a cara na porta. Atravesso o sinal fechado. Disparo. Estrago. Queimo. Salgo. Movo devagar a ponta do dedos, só. Finjo. Falho. Fujo. Estou aqui. Do outro lado seu. Mergulho num lago raso. Nado cabeça dentro d'água, olhos abertos, turva, fundo. Me perco, sempre me perco. Tive medo de me perder e sempre me perdi. Multidão de rostos desconhecidos. Não sei onde essa rua vai dar, não acho o lugar que queria te mostrar, traço uma lógica imbecil. Ando em círculos. Sempre estive ali. Era uma porta mais ou menos assim. Tinha certeza que se virasse esta esquina já dava pra ver. Era por aqui juro. Eu sei o caminho. Passava estas árvores grandes e já era logo ali. Ao lado daquele prédio cinza com umas formas estranhas. Só mais uma quadra. Mas que merda, eu disse que sabia chegar. Derramo. Transbordo. Rosno, mostro os dentes. Latejo. Escuto um *cloc* dentro do peito. Tem um treco que se mexe de vez em quando. Migro feito pássaro para outro lugar. Entre um gole e outro te ouço. Você tenta me convencer de algo e nem sei o que poderia ser. Me chama assim de um apelido carinhoso. Me encanta e me engana. Obviamente já não escuto mais tuas palavras, só observo o contorno da tua boca e tento decifrar um enigma. Minto, com gosto. Calculo. Metrifico. Cada coisa em seu lugar. Toma isso aqui, leva. Amo. Mastigo o fracasso devagar. Emparedo, encastelo, enconcreto, encimento. Demoro, ralento. Insisto. Enredo, amarro, embolo. Enjôo, torturo, embaraço. Mordo, empurro, caio. Resvalo, cotovelo, esbofeteio, unho, rasgo. Outra. Consigo ver pelo canto do olho que tem mais alguém aqui. Percebo minha pele eriçada, pelos em pé, atenta ao inevitável. Desconheço essa língua. Não te entendo, apenas não te entendo. Está mudo. Torpe, infecto, intragável. Tem um tipo de sinal escondido aí. Tem algo que pretende ser dito. Enferma, esquiva, entregue. De outra maneira, por outro ângulo. Engulo. Cuspo. Tá tudo aí. Pega. Seguro na ponta de uma folha verde e ali apoio todo meu peso.